



1812 X 1943

Asp (FN) Esley Rodrigues de Jesus

No ano de 1812, Napoleão Bonaparte, o Imperador dos Franceses, empreende a maior de suas campanhas. Aterrorizando todo o mundo com a potência de seu Grande Exército, o “Pequeno Cabo” avança pelas estepes russas, tendo passado, antes, por todas as magníficas paisagens europeias que agora compreendiam todo o vasto império criado pela força dos passos de seus soldados e a imponência de seus canhões. Tendo por base de seu poder a velocidade de ataque, a surpresa nas ações e as grandes táticas de guerra de um general de sua envergadura, Napoleão pretende chegar primeiro a Moscou, rumando, mais tarde, em direção noroeste, para São Petersburgo, onde, refugiado, se encontra o Czar.

Cerca de 130 anos após o avanço napoleônico contra as forças czaristas, Adolf Hitler, o grande líder da Alemanha Nazista, resolve que já era hora de empreender seu mais esperado projeto de expansão, abrindo mais uma frente de batalha a leste. Quebrando todos os acordos de não agressão entre germanos e soviéticos balizados pelo pacto *Molotov-Ribbentrop*, o Führer

tem por objetivo empreender uma tática parecida com a utilizada contra os territórios franceses em 1940. A partir da mobilidade de suas divisões *Panzer*, o que garantia ao seu avanço maior concentração e constante manutenção da ofensiva e da exploração, consegue destruir as primeiras defesas na fronteira russa, acabando com os exércitos soviéticos com o uso de suas mais poderosas peças de manobra. Seu principal objetivo é atingir os campos de petróleo do Cáucaso, alcançando, mais tarde, o oriente próximo pelo norte, reassumindo, assim, o controle estratégico do teatro do Mediterrâneo, em especial do Norte da África e do Mediterrâneo Oriental, alcançando o canal de Suez, o que possibilitaria uma junção com a Esquadra Nipônica no Índico.

Apesar da distância temporal, os dois grandes líderes político-militares cometeram erros graves que foram precípuos na determinação das duas invasões. Tanto Alexandre quanto Stalin, servindo-se do exemplo de Alexander Nevsky (herói russo de meados do século XIII, que conseguiu expulsar um grande exército de

invasores suecos e germânicos), baseando em defesas estratégicas sua força de ataque principal, conseguiram a vitória, após bom tempo de escaramuças em seu próprio território, avançando, mais tarde, rapidamente em direção ao território de seus respectivos inimigos. Tanto Napoleão quanto Hitler sabiam das dificuldades inerentes à empresa da campanha russa. Entretanto, em seu desejo imperialista de expansão territorial, não perceberam que, ao invadirem o território russo, cometiam o mesmo erro de Alexandre Magno: um grande território, que passou a representar seu principal inimigo. Um inimigo que, independente da potência com que se ataque, jamais poderá ser vencido, a não ser por uma grande frente de logística e planejamento disciplinados, o que, em ambos os casos, inexistiu.

A RETIRADA FRANCESA

As condições em que a França resolveu invadir a Rússia são bastante diversificadas. Alguns historiadores acreditam que o fato de a Rússia dos Romanov ter um exército bem numeroso e um grande território intransponível representava grande ameaça ao exército napoleônico. Contudo, a desobediência dos russos quanto às imposições de Napoleão em relação ao bloqueio continental à Inglaterra aliada ao não apoio dos russos à campanha de Madrid ou ao alinhamento de Alexandre às ideias de Talleyrand (que pregava a manutenção de um balanço de poder da Europa, com o retorno das fronteiras de 1804 e a dissolução das esferas de influência de Napoleão) também se apresentam, com grande probabilidade, como bons motivos para a invasão. Há historiadores que não descartam ter Napoleão caído na tentação de ajudar sua amante preferida, a Condessa de Walewski, em apoiar a emancipação política do Reino da Polônia, entrando em uma guerra com os russos por um território que, durante séculos a fio, representou a pedra de tropeço entre franceses e russos, e depois, entre estes e alemães. Acima de tudo, Napoleão pretendia possuir a supremacia estratégica da Europa. Em 1808, após a batalha de Eylau, o Imperador dos Franceses e o Czar de Todos os Russos realizaram, às margens do rio Tilsit, o famoso tratado que dividia a Europa em duas grandes esferas de influência. A

oeste do Tilsit ficariam os franceses, e a leste, os russos. Este rio, que cruza a Polônia, representaria o que a linha Maginot representou entre franceses e alemães: uma mera formalidade de mapas que separavam duas nações beligerantes e antagônicas. A paz entre Napoleão e os Romanov estava por um fio, e veio a ruir após o fim do acordo entre eles, após dias de conferência entre os dois chefes de Estado em São Petesburgo. Neste encontro, salientemos a atuação de Talleyrand e Fouché, dois ministros de Napoleão que não aceitavam a política expansionista francesa, notoriamente o primeiro, e que, no fim das contas, ajudaram a frustrar as ambições de Bonaparte.

Em abril de 1812, cerca de 690.000 soldados foram agrupados sob o comando de Napoleão. Desta vez, o *Grand Armée* era composto por diversas nacionalidades. Nações que, três anos mais tarde, colocariam uma pedra sobre o poder de Napoleão após a derrota em Waterloo. A caminhada até o território russo, não obstante extremamente cansativa, representava mais uma provação aos exércitos napoleônicos. Muitos soldados não mais acreditavam na causa de Bonaparte de expansão dos ideais revolucionários. Diferentemente da moral encontrada entre as tropas francesas em Rivoli e Austerlitz, a expansão territorial representava algo muito menos nobre do que a defesa da França.

Como uma característica do *Grand Armée*, a alta velocidade de deslocamento colocava em cheque o apoio logístico e o raio de ação dos soldados. O remunici-



mento era feito nas cidades em que o exército conseguia chegar, com ou sem retaliações do exército russo, além dos carros de abastecimento que cada batalhão possuía. Mas este era o menor dos problemas enfrentados pelos oficiais do *Grand Armée*. A “Terra Arrasada”, tática que consistia em destruir tudo o que poderia ser utilizado pelos inimigos, foi amplamente utilizada pelos cossacos. Além disso, houve diversas batalhas em território russo, certamente causando grande desgaste das tropas napoleônicas, que continuavam a penetrar nas estepes. Percebamos, desta forma, que a campanha russa foi coroada pela falta de planejamento logístico. Tanto os exércitos franceses quanto os demais “aliados” de Napoleão careciam de necessidades básicas, como peças de roupa, munição, canhões, cavalos (que passaram a ser refeição, nos momentos mais críticos) e armamento. Ao chegarem aos limites de Moscou, a cidade já denotava estar abandonada. O Kremlin, ao fundo, representava o fim da jornada de ida, o que não confortava muito os cansados soldados franceses, que já pensavam no percurso da volta. Napoleão resolveu passar a noite nos aposentos de Alexandre. Noite esta que não veio a durar muito, já que teve de começar uma retirada às pressas, com o intuito de tentar salvar o máximo possível de suas tropas, alarmadas graças às explosões perpetradas nos prédios de Moscou. A saída desordenada foi crucial na queda de confiança do exército. Além do retorno pelas estepes congeladas, verdadeiros desertos de gelo e fome, sofrendo constantes assaltos da cavalaria dos cossacos, Napoleão enfrentava, em cada cidade em que chegava, a frustração de encontrar somente casas vazias, plantações e aldeias incendiadas e edificações que poderiam ser utilizadas como abrigo contra o frio destruídas, como foi o famoso ocorrido na aldeia de Vilnius, onde dezenas de soldados franceses foram enterrados em uma vala comum. O inverno rigoroso deu conta do resto do moral, já bastante destruído, do *Grand Armée*. Menos de 7% dos soldados conseguiram voltar para casa.

A RETIRADA ALEMÃ

A exemplo dos franceses, os alemães também haviam feito acordos de paz com os russos antes da invasão. Ao assinar o tratado de não agressão germano-soviético, Hitler permitia aos seus generais total controle da situação no teatro de operações ocidental e do mediterrâneo, enquanto mantinha uma paz relativa a oeste. Uma guerra com a Rússia Soviética, apesar de sempre ter estado em sua pauta, teve de ser adiada devido ao prolongamento dos conflitos no Atlântico e

na Batalha da Inglaterra. Além disso, os italianos precisavam de ajuda no Mediterrâneo e Norte da África; o pacto entre Japão e União Soviética de não agressão também limitava o conflito em uma frente, o que poderia causar grandes problemas aos alemães. Mesmo assim, em 22 de junho de 1941, sem nenhum aviso formal de guerra, as cercas de arame farpado entre as esferas de influência soviética e nazista em território Polonês foram retiradas, e um apático Stalin observou, atônito, a invasão dos *Panzers* em território soviético. Mesmo assim, o Primeiro Secretário do Partido continuou sem acreditar que o Führer houvesse desonrado suas palavras. Em alguns meses, as divisões de tanques nazistas já chegavam ao sudoeste de Moscou.

A guerra com a Rússia Soviética chegou às cercanias da cidade de Stalin, depois de percebida a impossibilidade de queda de Moscou. Após a queda nas ofensivas nazistas (que começavam a sentir as desastrosas consequências de uma guerra longe de casa aliada a tão grande deficiência logística), os russos começaram a compreender o que estava ocorrendo. Boa parte da Rússia Europeia já se encontrava subjugada pelo domínio nazista; os *U-Bootes* de Döenitz haviam garantido a supremacia alemã nas áreas do Mar do Norte acima da Noruega e Suécia, o que impedia o avanço da Marinha Vermelha, cuja carga principal concentrava-se em Murmansk e Archangelsk, até os portos quentes da Dinamarca e das Repúblicas Bálticas; boa parte do Exército Vermelho estava agora na linha de frente, sem, contudo, possuir os meios principais para opor-se à ofensiva no estilo da *Blitz* nazista, como tanques e boa carga de artilharia; e, acima de tudo, grande parte

